

## CADEIRA N.º 40

Patrono: Visconde de Sabóia  
Vaga: Falecimento de Tomás Pompeu Filho  
Recipiêndo: Braga Montenegro  
Recipiendário: Artur Eduardo Benevides  
Data da posse: 1958

ARTUR EDUARDO BENEVIDES. Nasceu em Pacatuba, no dia 25 de julho de 1923, filho de Artur Feijó Benevides e Maria do Carmo Eduardo Benevides. Bacharel em Direito e em Letras. Professor e Diretor da Faculdade Católica de Filosofia, da Faculdade de Letras do Departamento de Cultura da U.F.C. e Diretor do Centro de Humanidades da mesma Universidade. Professor Emérito da Faculdade de Filosofia do Estado e Professor Titular da Universidade de Fortaleza e da Universidade Federal do Ceará. Poeta de aprimorados versos e reputado conferencista. Publicou: *Navio da Noite*; *A Valsa e a Fonte*; *Os Hóspedes* (parceria); *O Habitante da Tarde*; *Canção da Rosa dos Ventos*; *O Tempo, o Caçador e as Coisas Longamente Procuradas*; *O Viajante da Solidão*; *Viola de Andarilho*; *Elegias de Outono* e *Canções de Muito Amar e de Adeus*, todos de poesia. De contos: *Caminhos sem Horizonte*. *Ensaio: A Lâmpada e os Apóstolos*; *Universidade e Humanismo*; *Idéias e Caminhos*. E ainda: *Cancioneiro de Fortaleza*; *Antologia do Centenário da Cidade de Pacatuba*; *Terra da Luz*; *Antologia de Poetas Bissexto do Ceará*; *Antologia de Poetas Cearenses Contemporâneos*; *Ensino e Treinamento Profissional na Europa*; *Evolução da Poesia e do Romance Cearenses* (1976).

---

### Braga Montenegro

Nos idos de 1922, numa noite de setembro que ainda hoje a minha memória retém — não sei por que coincidência, dessas que o destino nos trama —, encontrei-me, aturdido e maravilhado, ao lado de uma banda de música em trajes de gala, que se postava ao pé das escadarias do antigo Clube Iracema, na Praça do Ferreira.

De começo, eu não atinei o motivo daquele aparato e daquelas luzes, mas logo me disseram que se tratava de uma festa da Academia Cearense de Letras e que ali deveria comparecer o Presidente do Estado. Nenhum apreço reservei a S. Exa. o Sr. Presidente do Estado, a quem então não conhecia com as virtudes diante das quais o meu respeito e a minha admiração hoje se prostram comovidos, mas se me dissessem que por ali à minha frente iriam passar os deuses do Olimpo, essa notícia não me teria inspirado maior emoção do que aquela que experimentei ao saber que daí a pouco assistiria a passagem triunfal — sim, triunfal! pelo menos para os meus olhos adolescentes — do que de mais alto, e mais nobre, e mais admirável, representava a literatura de minha terra.

Pois bem, senhores, eu nada vi. E ainda hoje me constroaço o travo daquela frustração. Naquele tempo, o que é um distintivo do caráter brasileiro, como hoje, os homens retardavam. Os trens, não. E eu teria de tomar o último suburbano, consoante eram as ordens recebidas de casa.

Mais tarde, acomodado no vagão, eu ruminava aquele desapontamento e considerava a injustiça da sorte que me não admitia sequer um simples caudatário daquelas dignidades tamanhas. Mas no meio de contrariedades e de inane rebelia, pela primeira vez — acreditei, senhores, que o sonho atinge a vertigens nas altitudes e a abismos nas profundidades — nasceu-me a idéia de que um dia eu penetraria os umbrais desta casa.

E tudo, desde aquele dia recuado, há 35 anos, tudo o que me tem ocorrido com respeito à Academia, não me tem causado nem vexames nem estupefação; antes, pelo contrário, os acontecimentos fluem na coerência de um rio a deslizar para o mar. Foi assim quando lhe assisti à primeira sessão (lembro-me bem: falava aquele a quem depois eu substituiria); foi assim quando Dolor Barreira, na velha sala do Instituto do Ceará, no prédio da Assembléia, me informava que a Academia entraria em fase de reestruturação e indagaria se lhe eu aceitava uma Cadeira; foi assim quando, pela mão de Andrade Furtado, na companhia de tanta gente ilustre, eu me

assentaria pela primeira vez numa das 40 cadeiras, justamente aquela cujo patrono jamais deixou de constituir a minha admiração, a minha devoção intelectual.

Se as honrarias de que me fazem galardão foram atribuídas, por meus confrades de letras, num ato de sua sabedoria ou num gesto de sua magnanimidade, é assunto a merecer debate em outra situação que não esta, e isto certamente se aqui houvesse homens à maneira dos gregos do Baixo Império. Contudo, ainda agora a conexão desses fatos se apresenta, de modo iniludível, na ocasião em que sou designado para, em nome da Academia, recepcionar a um amigo diletíssimo, um companheiro constante de ação e de vida literária.

Atentai bem, nesta circunstância, Sr. Artur Eduardo Benvides. Não será numa atitude de constrangimento ou de coação aos meus princípios estéticos ou filosóficos, que eu vos recebo e vos coloco no lugar que há tanto tempo vos estava reservado nesta Academia. Aqui vós não forçastes a porta nem sequer lhe bateste à aldrava sem a certeza de que os seus umbrais vos seriam franqueados. Vós sois desses raros aos quais não poderemos designá-los senão pela denominação de "homens de letras", e aqui estais, homem certo em lugar certo, numa Academia de Letras. Outros títulos não vos referendou melhor a eleição, senão estes de que sois um escritor, de que sois um poeta, de que sois, enfim, uma legítima consciência de criador e de esteta.

Nem os vossos títulos outros, aliás todos decorrentes dos méritos de intelectual de que sois portador — a vossa cátedra de Literatura Luso-Brasileira na Faculdade de Filosofia, o vosso cargo de Diretor do Serviço de Documentação da Universidade do Ceará, os Congressos de Poesia e de Literatura em que tomastes parte, a vossa participação no Clube de Poesia do Brasil, os prêmios literários que obtivestes, e ainda agora o secretariado da revista *Clã*, cuja responsabilidade vos foi confiada — nem esses títulos todos, estou certo, seriam credenciais tão convincentes quanto essas apresentadas pelo mérito de vossa obra poética, reconhecido e referendado, não pela trivialidade destas minhas palavras, mas pela crítica de Otto

Maria Carpeaux, Roger Bastide, Valdemar Cavalcânti, Domingos Carvalho da Silva, Mauro Mota, Fran Martins, João Clímaco Bezerra, Antônio Girão Barroso —, para citar apenas as mais autorizadas.

É pensamento meu, entretanto, que essas qualidades todas, além das fundamentais, foram medidas e pesadas pelos que aqui vos admitiram, cada um individualmente considerando e ressaltando aquelas que melhor lhe dissessem ao âmbito de suas preferências. De mim sei, e todos sabem comigo, as inclinações sentimentais onde se firmariam as vossas pretensões ao lugar a que ora, solenemente, tendes ingresso.

Contudo, em assim me expressando, como que pressinto no fundo de certos corações maliciosos a formulação de uma hipótese, essa de que se não houvesse a obra, haveria, a compensá-la, no jovem Acadêmico, a sua condição de participante do Grupo Clã. Mas então, eu teria um argumento decisivo para dissipar a dúvida que porventura pairasse no espírito dos mais desavisados, eu informaria que jamais alguém foi admitido nesse grupo, ou melhor, se impôs ao prestígio desse grupo, sem os créditos de uma obra realizada ou em realização, na qual a crítica e o público inteligente lhe reconhecessem virtudes, muito embora relativas e até, em alguns casos, contestáveis, como de resto são todas as cousas subordinadas ao julgamento humano.

De qualquer modo, um grupo ou uma geração literária não se forma num bloco homogêneo e de alta hierarquia espiritual ou estética, e disto há exemplos mesmo em nossa província, e exemplos muito significativos aliás. Da “Academia Francesa” nem todos ficaram; poucos dos que participaram da “Padaria Espiritual”, do “Centro Literário”, da “Plêiade” e dos outros grupos de que a literatura cearense é pródiga, chegaram até nós, senão porque os seus nomes — simplesmente os nomes — ilustraram estatisticamente os acontecimentos de sua época.

Este não será certamente o vosso caso. Conheço-vos desde a publicação de *Os Hóspedes*, em 1948, talvez um pouquinho antes, no momento de minha efetiva incorporação ao

Grupo Clã, quando vos encontrei, o mais jovem dos poetas de minha geração cearense, em versos que traíam as vacilações do artista imaturo, mas, por outro lado, revelavam as possibilidades do poeta que se realizaria, por assim dizer integral, em outro livro, quatro anos depois, e a quem todos nós esperamos confirmado em *O Habitante da Tarde*, 30 poemas inéditos, que prometeis para breve.

O livro de estréia, *Navio da Noite*, publicado em 1944, só bem depois seria por mim conhecido. Esse caderno de poemas, entretanto, eu não o avaliaria devidamente senão agora, a uma nova leitura para os efeitos destas notas. Após a publicação do segundo trabalho eu não quis ou não pude ver em vossa obra senão o artista que estava em ascensão, estava, apenas isto, a realizar-se segundo a justa medida de minhas previsões. Porém, já daqueles primeiros poemas é possível destacar-se momentos de boa poesia, como nos versos de "Canção Amarga", não obstante o seu tom descritivo, o prosaísmo de certas imagens, a ausência de metáforas não fosse talvez aquele "miragens tocavam jazz", tão pouco aceitável como tropo poético. Mas o tom do poema, a sua atmosfera de agonia tão bem registrada por Aldemir Martins numa das ilustrações do caderno — feita aliás para outro poema —, salvam-no, inclusive do circunstancial, como ocorre naquele intitulado "Cântico dos cânticos para tambores e clarins", que apenas registra, como numa crônica patrioteira, o ânimo belicoso do momento. Outros bons poemas são "Primeira elegia de maio", "Explicação do poeta", "Dimensão da poesia e do poeta". Neste exclamais como numa profissão de fé: "Eu que aspiro a ser somente uma coisa nesta vida: poeta."

Pois bem: realizastes o vosso ideal.

Certo naqueles primeiros versos nada encontramos de definitivo, porém de algum modo ali está o poeta tal qual existe hoje, embora sem nenhuma depuração formal, sem a consciência plena de suas fontes vocacionais, sem o aparelhamento técnico e artístico de que ora dispõe.

Em *Os Hóspedes* nota-se, como eu disse ao tempo, uma poesia muito rica em intenções, já um tanto liberta dos temas do cotidiano, mas, no mesmo passo, prejudicada por uma certa abundância de palavras, por um tom algo condoreiro ou enfático em que as imagens poéticas se ataviam sem lhes realçar a beleza essencial.

É justamente na figuração poética e no símbolo poético, onde se caracteriza o sentido real da poesia, e para esse fim é preciso que as imagens e as metáforas sejam as mais espontâneas, ou apresentadas, não direi à maneira lógica, que essa não é a finalidade do poema, mas desadornadas, na sua perfeita simplicidade.

Hegel, na *Estética*, lembra que a poesia é expressão pura e, em assim sendo, a palavra que encerra o pensamento será por si mesma de tão alto valor que se distingue de todas as outras do discurso e se transforma em dístico. Desta sorte, o poeta há de ser tanto mais criador, tanto mais artista, quanto maior for a sua capacidade de expressar-se em dísticos, isto é, por imagens e por símbolos de poesia, elevando as palavras à sua maior valorização, ao seu maior sentido dentro da inteligência abstrata.

Bem cedo, entretanto, enveredastes por outro caminho e embora o vosso temperamento verbal não vos admita a formulação de uma obra inteiramente descarnada, é certo que na poesia de agora não se faz encontradiça aquela sensualidade formal observada nos primeiros cadernos, aquela vivacidade ardente bem própria aliás da idade juvenil com que começastes.

Sois muito moço ainda, e a vossa forma e o vosso estro, porque efetivamente nascestes poeta, hão de depurar-se sempre cada vez mais, até que no vosso amadurecimento biológico o constante artesanato a que vos submeteis possa revelar no poeta a sua individualidade definida.

Não imaginareis decerto que estas minhas palavras sejam uma restrição aos vossos méritos. De maneira nenhuma. Muito embora o senso comum esteja sempre inclinado a aceitar na juventude a idade mais propícia à criação poética, a história

literária nos ensina, em contraposição, que os artistas precoces constituem casos isolados e que em muito poucas ocasiões a sua obra oferece motivos de meditação, ou, na sua originalidade muitas vezes indisciplinada, algum sentido permanente de realidade estética.

Poderíamos argumentar, em favor do senso comum, com dois exemplos brasileiros: o de Castro Alves e o de Raul Pompéia. Contudo, forçoso é admitir, o que existe de precioso na obra desses dois artistas é devido à sua imaturidade, talvez à sua irresistível vocação criadora que lhes não deu tempo de refletir senão sobre dados do conhecimento intuitivo, em pura perda da disciplina estética que só se adquire na aprendizagem constante, no perfeito domínio do conhecimento conceptual. E quanto à faculdade de criar é questão de reter, pelo ideal, a energia da intuição e do sentimento, através da idade madura. Não devemos esquecer que os versos da *Ilíada* e da *Odisséia* (a lembrança é de Hegel) foram compostos por um cego em pleno ciclo de sua gloriosa velhice.

Aludindo, assim, à vossa mocidade em relação à obra que realizastes e que obstinadamente continuais a tecer, com o esmero com que as nossas rendeiras tecem o crivo, a atenção presente aos mínimos incidentes da fantasia geométrica, a torturada vigilância no preservá-lo das impurezas dos copiares e das camarinhas de chão batido (vale a intenção do símbolo), eu não desejaria afirmar nem a imaturidade de vossa composição poética nem tampouco o acabado de vossas experiências estilísticas, porém dizer-vos o quanto prometeis pelo que nos apresentastes e o quanto esperamos e confiamos na realização dessas promessas.

Por outro lado, eu não vos aconselho a envelhecer, que a velhice é um feio vício a que o artista, de modo nenhum, pode render-se. É mesmo condição indispensável no artista, a sua constante juventude, ou, se quiserem, a sua permanente maturidade. O espírito não pode, não tem o direito de envelhecer; e o que importa na vida de um artista não é a sua idade biológica, mas a sua idade espiritual. Infelizmente sucede ao artista o mesmo que acontece a certas mulheres: envelhecem

rapidamente pela dependência fanática com que se entregam às tiranias da moda.

Convém deixar ressaltada a distinção existente entre a moda e o moderno. O nosso Machado de Assis, no discurso que pronunciou ao encerrar o primeiro ano de atividades de sua Academia, adverte-nos de que não se deve confundir “a moda, que perece, com o moderno, que vivifica”.

Sois, felizmente, na melhor acepção do termo, um moderno e essa modernidade, esse espírito de vigilância e de evolução a que tendes sido fiel, essa preocupação do clássico, quase diria eu, pois que nada tão semelhante ao moderno, ou tão confundido ao moderno, quanto os designios e as significações do estilo clássico, é, por mais estranho que isto possa parecer, uma das características de vossa arte. Nas “Canções” de *A Valsa* e *a Fonte* muito bem poderemos ilustrar a afirmação do paralelo que acabo de fazer. Vejamos esta:

#### CANÇÃO

*sôbola fonte  
de onde nasce  
ave do oculto  
o bom sonhar  
cresce uma lua  
canta uma esfinge  
auras descansam  
vindas do mar.  
Sôbola rosa  
pálpebra nua  
luz do inverno  
no coração  
puro é o canto  
que nos restaura  
bela é a vida  
sem maldição.  
Sôbola valsa  
que nos visita*



*órtica escuna  
louca e atroz  
em vão fugir  
olho noturno  
mergulhare:s  
dentro de nós.*

Camões e D. Francisco Manuel de Melo, porque eram geniais, poderiam fazê-la mais original e mais densa, mesmo no seu caráter sutil, de canção, mas não a comporiam em melhores intenções clássicas do que estas com que a compusstes.

Todavia, nem com isto, e mesmo nesta composição, abdicastes da modernidade a que vindes submetendo a feitura geral dos vossos poemas, e a meu ver isto é da maior importância para o momento, quando os corifeus da chamada “arte moderna” submetem a forma artística às mais estranhas virtuosidades, aos contorcionismos mais incaracterísticos e pessoais, no intuito de exprimir o tumulto e a indisciplinada inquietação que lhes inspiram a tragicidade e as vertigens da hora presente.

A propósito deste *A Valsa e a Fonte*, sem dúvida o vosso mais feliz instante de poesia e de técnica, escrevi eu, ao tempo de sua publicação, um artigo onde, entre outros, há um pecado de observação e avaliação, que neste momento me será grato confessá-lo e, pelo reconhecimento da culpa, espero merecer a indulgência de que necessito. Naquele artigo eu dizia que as “canções” representavam como que uma descida no estro do poeta, quando agora observo justamente o contrário. É nas canções, no seu caráter de composição ligeira e, ao mesmo passo, cheia de vivacidade, onde melhor estáveis dono de vossas virtudes de artesanato e de expressão poética.

Não obstante, em contraposição com aquele meu juízo apressado, sinto-me feliz em poder repetir aqui trechos outros do mesmo artigo, tal estes que se seguem:

“Seu processo estético ganha em substância e simplifica-se à proporção que se aproxima dos temas profundos, e já se observa um tom de serenidade formal de quem ultrapassou todo o obstáculo vocabular e penetrou numa zona de equilíbrio, no mundo sensível do poema.”

“O livro todo, de uma grande unidade de composição, espelha o conflito rilkeano de identificação com os valores permanentes, com os símbolos de significação espiritual em que a vida e a morte se confundem. Daí por que lhe verificamos o domínio da elegia, o tema da morte sempre presente e constante, não entretanto como uma tendência mórbida de aniquilamento, mas como terrível consciência apocalíptica, a constatação de uma verdade irresistível e solene.”

Acredito, e não acreditasse jamais repetiria agora, ter resumido nestas palavras toda a verdade sobre o vosso belo livro, da mesma sorte que gostaria de me referir, com a mesma isenção e apreço, aos vossos trabalhos de prosa. Certo não sereis o prosador nas mesmas alturas por que vos fizestes poeta, muito embora em *A Lâmpada e os Apóstolos* e no prefácio do *Cancioneiro da Cidade de Fortaleza*, sejam encontrados momentos de verdadeira crítica, de verdadeira identificação com os valores literários expressos em conceitos.

Sem dúvida, como gravastes uma vez num trecho belíssimo, “os poetas são aqueles que mais intensamente sabem dizer as grandes cousas que estão sob a beleza”.

Sr. Artur Eduardo Benevides:

Não sei se posso dizer que a Academia vos recebe sob flores de retórica, como em algumas vezes é do protocolo dizer-se, pois que estas minhas palavras — conversa desalinhada e despretensiosa — nada tem da grande arte dos antigos, ou da arte dos modernos, a apoiar-me na acepção de Allen Tate, de que retórica é o estudo e o uso da linguagem figurativa, tendo como disciplina anterior a gramática e a lógica, e por meio da qual os homens se comunicam entre si à luz da verdade. Isto está no seu *The man of Letters in the*

*modern world*, e por aí se vê que a “nova crítica” empresta a essa teoria da palavra um sentido muito sério e altamente filosófico.

Mas eu direi que a Academia vos recebe sob o signo de José de Alencar, o que por si só constitui uma honra para todos nós. A Academia, incluindo esta festa na semana comemorativa do centenário da publicação de *O Guarani*, presta-vos uma homenagem que sobrepassa a todas as que porventura fossem programadas nas sessões comuns de recepção.

Contudo — o reparo já se faz redundância nestas minhas palavras — nada mais conseqüente do que a vossa posse num dia como o de hoje, em que se iniciam as comemorações do centenário de um grande livro, um livro sobre o qual se inaugurou a romancística brasileira, um livro de gênio nos seus defeitos e nas suas virtudes eternas. A vossa incorporação no quadro social desta Casa, significa, mais do que o simples preenchimento de uma vaga, pois representa, por parte dos Srs. Acadêmicos, o reconhecimento dos vossos méritos de poeta e de homem de letras.